

O DIA DO PAI nas sociedades de advogados

Advocacia ainda é um arte que passa de pai para filho

Tatiana Canas
tcanas@economicasgpps.com

“É óbvio que o meu pai me influenciou na carreira que escolhi”, diz João Vieira de Almeida, sócio de uma das maiores firmas de advogados do país, a Vieira de Almeida & Associados (VdA), fundada por Vasco Vieira de Almeida.

A cumplicidade entre pai e filho é evidente, os dois trocam piadas e elogios, as frases são começadas por um e completadas pelo outro, sempre no mesmo tom descontraído.

João Vieira de Almeida ainda tirou o primeiro ano de História, mas mudou para Direito e integrou o escritório fundado pelo pai parecendo-lhe “o mais natural”.

Vasco Vieira de Almeida vê com bonomia a relação de trabalho entre ambos: “É da maneira que o vejo todos os dias, depois de ter saído de casa”. E resume, divertido, o papel importante que um “senior” tem a “orientar a gente nova”, que por sua vez traz rejuvenescimento à VdA.

Também na Rui Pena, Arnaut & Associados (RPA), a relação entre o antigo ministro da Defesa e Nuno Pena vai de vento em popa. Mas nem sempre foi assim. “Ao princípio não correu muito bem porque não víamos a evolução da sociedade da mesma forma”, explica Nuno Pena, actual sócio de Fiscal da RPA.

Por isso fez o estágio com o pai e saiu. “Entretanto o modelo mudou e vi que fazia sentido voltar”. Rui Pena ficou, “obviamente”, muito satisfeito. “Não foi propriamente o regresso do filho pródigo, mas pensei em montar a mesa”, gra-

“No início, a identificação com os pais é fatal, mas os filhos têm de ganhar estatuto por si mesmos”, diz Daniel Proença de Carvalho.

“Se o meu filho não correspondesse àquilo que deve ser um bom advogado, não estava aqui”, diz José Manuel Galvão Teles.

ceja o fundador da RPA. Já na Moraes Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados (MLGTS), Nuno Galvão Teles assegura que o pai teve não teve influência: “nenhuma” na sua carreira, apesar de existir uma tradição “evidente” de juristas na família.

José Manuel Galvão Teles admite que “sempre quis” que o filho trabalhasse consigo no escritório. Há 22 anos que o fazem, e o saldo é muito positivo. “Se o meu filho não correspondesse àquilo que deve ser um bom advogado, não estava aqui”, garante.

Nuno Galvão Teles retribui, afirmando que é “um privilégio” trabalhar com um advogado como o pai, pelo enriquecimento que isso trouxe à sua vida profissional.

No escritório fundado por Daniel Proença de Carvalho, o filho apelida a relação como “um pau de dois bicos”; porque apesar do apelido poder criar mais oportunidades, a expectativa também é mais elevada. Questionado sobre a sensação de trabalhar com o pai, Francisco Proença de Carvalho diz que “não se pode comparar o incomparável”, vendo na experiência “uma aprendizagem”. Fora do escritório, são raras as vezes em que falam trabalho.

Quando se juntam, pai e filho tocam, com Daniel Proença de Carvalho nas cordas e Francisco na bateria. “No início, a identificação com os pais é fatal, mas os filhos têm de ganhar estatuto por si mesmos”, conclui o advogado que dá nome à firma, garantindo que também tem “muito a aprender com as novas gerações”. ■



José Manuel e Nuno Galvão Teles não vêem qualquer problema em misturar família com negócios.

Foto: Paulo Albuquerque/Crealife